

FUI UM "AMADOR" NOS DOIS SENTIDOS

Vidas são feitas de desafios. Todas. Com o nosso colega José Vieira não foi diferente, e ele aponta-nos os dois grandes desafios que a vida lhe apresentou.

Começamos pelo segundo deles, o mais recente: o convite para se tornar professor de fotografia na UTIS.

"Não me considerava preparado para ensinar algo que eu tinha aprendido por minha própria conta, sempre fui autodidata. Transmitir os meus conhecimentos a turmas de adultos, muitos deles talvez mais experientes do que eu, foi um enorme desafio".

Para falar do primeiro, Vieira, ou melhor, José Adelino Gonçalves Vieira, recua um pouco no tempo: ao chegar a Portugal vindo de Angola, tomou a corajosa decisão de assumir sozinho os cuidados dos dois filhos, que estavam com seis e nove anos. "Que saiba, fui o primeiro homem em Portugal a receber oficialmente, em tribunal, a guarda dos filhos". Realmente, uma proeza e tanto.

José Vieira nasceu em Angola, na pequena Vila Roçadas, junto à fronteira com a Namíbia.

"O meu bisavô foi um dos primeiros portugueses a ir para África, e deu início à família com várias gerações de angolanos. A minha mãe era, portanto, angolana, e casou-se com meu pai, um rapazote recém-chegado de Portugal. Tiveram 13 filhos, eu fui o 12º".

Quando José era pequeno, com cerca de 2 ou 3 anos, a família mudou-se para Gabela, onde o pai tinha sido designado professor de matérias técnicas, como marcenaria e eletricidade.

"O meu pai era um verdadeiro artista, um marceneiro de grande talento".

Vieira fez a sua vida escolar em Gabela e, já no Liceu, tornou-se assistente de um engenheiro, que era o seu professor de desenho, e começou a estudar à noite. Mas não faltava tempo para se divertir.

"Eu tive uma mocidade bem agitada, no bom sentido, não perdia os bailes, gostava de dançar e de me divertir", relembra.

Mas a fase das brincadeiras também termina, e nessa altura aproximava-se a idade de ir à tropa. José Vieira apresentou-se na Escola de Aplicação Militar em Nova Lisboa, onde fez o curso de Sargento Miliciano.

"Concluí o curso como furriel, e assumi a função de monitor no Regimento de Infantaria. Mas depois de dois anos optei por sair da vida militar e voltei para casa. Recuperei o emprego de desenhador em Luanda e casei-me. Tempos depois, já com os dois filhos – um rapaz e uma rapariga – eu e a

minha mulher decidimos mudar para Portugal, pois não queríamos criar os filhos numa zona de guerra".

O começo da nova vida foi marcado por grandes dificuldades, muita pobreza até achar um emprego, e o casamento desfez-se.

"Quando saímos de Luanda, deixámos tudo lá, viemos com os filhos e uns poucos pertences. Muita gente estava a abandonar Angola, cheguei a ter medo de que o avião não conseguisse descolar, tanta era a gente que havia lá dentro".

Vieira faz questão de desfazer a imagem de que em Angola as pessoas ficavam ricas. Era exactamente o contrário.

"Tive uma infância muito pobre, andava com os sapatos rotos. Como era o mais novo dos rapazes, herdava as roupas usadas dos meus irmãos, feitas pela minha mãe. Nunca vi a tal 'árvore das patacas', como diziam. E o início da vida em Portugal não foi diferente".

Para dar um exemplo das humilhações que teve que enfrentar, conta que chegou a pedir um dinheiro emprestado a um colega do Instituto Nacional da Agricultura, onde tinha conseguido emprego.

"Numa ocasião, ele veio ter comigo a querer que eu devolvesse o empréstimo, e respondi que ainda não tinha condições. Logo depois, quando entrei na sala, ele estava a contar aos outros colegas que eu era um sujeito que devia e não pagava, tudo dito entre risos e troça. Aquilo marcou-me de tal maneira que jurei nunca mais pedir nada a ninguém".

Mas como todas as desgraças um dia chegam ao fim, depois de oito anos sozinho com os filhos, José Vieira conheceu a Paula, com quem está casado até hoje, e tem dois netos já adultos.

A fotografia entrou cedo na vida de Vieira. O pai gostava de fotografar, embora se tratasse de um hobby caro, e o pequeno José adorava ver o pai às voltas com as revelações no modesto laboratório caseiro. Mais tarde, usava as suas parcas economias para comprar filmes e continuar a fazer o que mais gostava: fotografar.

Ressalta que sempre foi um amador, palavra que indica que não foi fotógrafo profissional, mas que também é carregada do sentido de alguém que ama o que faz. Ou seja, José Vieira foi um "amador" nos dois sentidos.

"Embora tenha ganho alguns prémios, nunca fiz disso uma profissão. Então, quando me convidaram para ser professor da disciplina de Fotografia e Tratamento de Imagem na UTIS, apanhei um susto, e tratei de me preparar à altura. Até então eu era aluno, tinha vindo à procura das aulas de Informática, que é a minha outra paixão. Como professor, espero ter correspondido às expectativas de quem me convidou".

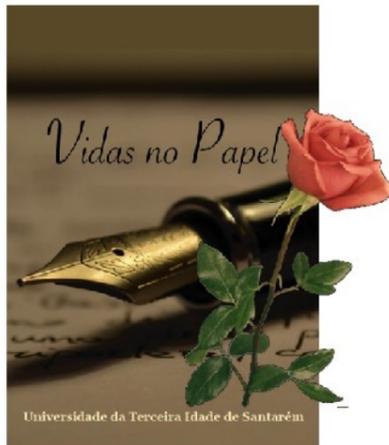
Não tenha dúvidas, professor!

Rejane Wilke

DIA INTERNACIONAL DO LIVRO

Entre as muitas datas comemorativas do mês de abril, o Jornal da UTIS destaca o Dia Internacional do Livro. A escolha deste dia tem um importante motivo: é a data da morte de dois dos mais importantes nomes da literatura mundial. Por uma dessas coincidências da vida, em 23 de abril de 1616 morriam Cervantes, aos 68 anos, e Shakespeare, aos 52, ou seja, sem nunca se terem encontrado, partiram juntos deste mundo para, quem sabe, partilharem animadas tertúlias lá pelos infinitos... O espanhol escreveu a obra-prima da literatura, D. Quixote de la Mancha, em que narra as aventuras do cavaleiro andante e seu ajudante Sancho Pança pelas planuras manchegas. Já o britânico, que nasceu e morreu em Stratford-upon-Avon, é celebrado por inúmeras obras de teatro, como Romeu e Julieta, Hamlet, A Megera Domada, Rei Lear e muitas outras.

Estes dois autores formam, junto com o português Camões, que vivera algumas décadas antes, os pilares da literatura ocidental. Nada mais justo, portanto, do que marcar o 23 de abril como a data internacional do livro.



Agora, peço licença para contar algo pessoal: por um feliz acaso, aconteceu-me certa vez chegar a Barcelona para visitar uma das minhas filhas exactamente num 23 de abril. A Catalunha, além de celebrar Cervantes – como toda Espanha – festeja na mesma data o Dia dos Namorados e seu santo padroeiro, S. Jordi, que é o nome catalão para o nosso velho conhecido São Jorge, o tal que salvou a donzela das garras do dragão. Para meu espanto, não só os namorados, mas também os amigos, trocam duas únicas prendas: um livro e um botão de rosa. Em vários bairros, as livrarias vêm para as calçadas com bons descontos, enquanto floristas espalham suas cestas de rosas. Vinda de um país onde nas datas festivas oferecem-se predominantemente bugigangas eletrônicas e outras quinquilharias, ver aquelas ruas cheias de pessoas comprando livros e rosas me deixou maravilhada. E a minha emoção chegou ao extremo quando uma amiga da minha filha comprou e ofereceu-me um enorme e amarelo botão de rosa. Abraçamo-nos emocionadas, e não consegui segurar as lágrimas. Jamais esqueci esse dia.

Rejane Wilke

PROJECTO UTIS_NA_LINHA.20
JORNALISMO
E COMUNICAÇÃO

ANO III
NÚMERO 15

ABRIL 2021



17 anos - 2004/2021



ANIVERSÁRIO
UTIS

MOMENTO MUSICAL COM
TIAGO FERNANDES

ONLINE PLATAFORMA
ZOOM

| 30 DE MARÇO | 16:45 |



Quando acreditamos, fazemos acontecer. Quando acreditamos, os desafios superam-se. Quando acreditamos, os obstáculos vencem-se. Quando acreditamos, os receios transformam-se em força e as fraquezas em coragem.

Quando acreditamos, dos erros nascem vitórias. Quando acreditamos, o sonho torna-se realidade.

Acreditar. Verbo transitivo. Sinónimo de crer, de ter fé. É deste acreditar que nascem muitas histórias bonitas. É deste acreditar que se tem escrito a história da Universidade da Terceira Idade de Santarém. A história da nossa UTIS. Pedimos por favor ao tempo que recue e nos transporte ao dia 30 de Março de 2004. A UTIS, recém-nascida, abre pela primeira vez os olhos. Conhece a sua casa. Conhece as entidades parceiras que a geraram: CMS, JFM, SCMS. Conhece os 18 professores e 43 alunos que a aguardam para iniciar este caminho feito de partilha, de conhecimento, de alegria. Rapidamente aprende a andar, a falar, a ler e a escrever. Cresce em número de alunos, de professores, de disciplinas. Constrói sonhos. Desenha a sua missão. Estabelece os seus objectivos. Quer ser uma resposta socioeducativa para os maiores de 50 anos. Quer proporcionar-lhes atualização sociocultural e

formação ao longo da vida. Quer estimulá-los à partilha de conhecimentos, de experiências. Quer fortalecer a sua participação social, a cooperação cívica e promover o seu processo de envelhecimento ativo e saudável. Combater o isolamento e a solidão em que alguns vivem. Quer ser integradora, corresponder às expectativas dos que a procuram, independentemente do género, cor, habilitações. Cresce. E os desafios multiplicam-se. Trabalha para os superar. Trabalha para fazer melhor, para ser criativa. Tem o privilégio de ter consigo pessoas incríveis com as quais aprende todos os dias. E cresce. Amadurece. Dinamiza inúmeras actividades. Lúdicas, formativas, culturais. Com as exposições que organiza partilha o que nela tão bem se faz: Arraiolos, Artes Decorativas, Artes em Cartonagem, Artes em Pergamano, Azulejaria e Cerâmica, Bordados, Desenho, Pintura, Pintura em Tecido, Registos, Quilling, Tricot/Tricot Artístico. Fotografia. Os seus grupos de Dança, Música e Teatro são também seus cartões de visita: Bandolim, Dança de Salão, Sevilhanas, grupo de Teatro, Coro, Tuna, Violas, Tocata de Cavaquinhos, Percussão. Dá a conhecer o seu país, inclusive o insular. Atrave-se a ir mais longe: Inglaterra, Irlanda, Escócia, Picos da Europa, Croácia, Eslovénia,

Rússia. É uma adolescente solidária, colabora em diversas iniciativas comunitárias, sempre de forma voluntária. E cresce. Reinventa-se perante um Mundo totalmente novo, exigente, que obriga a distanciamento e proíbe abraços. Supera-se em tempos de pandemia, renascendo numa versão completamente nova, totalmente On-line. A "UTIS_na_Linha.20". Passaram 17 anos de uma história feita de acreditar. Uma história feita de todos os que nela têm acreditado e a transformaram na UTIS que hoje é. Parceiros, colaboradores, alunos, professores. Os que foram suporte, apoio, colo nos momentos de mais fragilidade. Os que a inspiraram e motivaram a desafiar-se, a arriscar. Os que partiram sem querer partir. Os que ficaram. Todos, todos, todos, sem excepção. É agora tempo de pedir ao tempo que não pare. Que permita que a história desta nossa UTIS continue a escrever-se de presente e de muito futuro. De acreditar, sempre. Acreditar que o saber não tem idade. Acreditar que juntos vamos conseguir. Pois quando acreditamos, fazemos acontecer. Parabéns UTIS!

Cristina Jorge

RETRATO FALADO com Manuel Castanheira



1. Nome: Manuel José Sousa Castanheira.
2. Dia do aniversário/signo: 22 de fevereiro (Peixes).
3. Onde nasceu: Benfica do Ribatejo.
4. Lugares onde viveu: Alandroal, Luanda e Santarém.
5. Filhos/netos: 2 filhos e 2 netos.
6. Uma viagem sonhada: queria conhecer a Escócia.
7. Se viajasse no tempo, queria ir ao passado ou ao futuro? Ao futuro, para ver a vida dos meus descendentes.
8. Profissão: bancário.
9. O que gostaria de ter sido? Astrónomo. A astronomia é um tema fascinante.
10. Profissão que nunca teria: médico-cirurgião.
11. Seu maior talento: ser avô, brincar com meus pequenitos.
12. Sua maior qualidade: gosto de saber ouvir os outros.
13. Seu maior defeito: ser perfeccionista.
14. Hobby favorito: cozinhar, sou o cozinheiro da casa.
15. Uma mania: querer tudo no seu lugar.
16. Uma paixão: música.
17. Música preferida: *Bohemian Rhapsody* e *The Good, the Bad and the Ugly*, pela Danish National Symphony Orchestra.
18. Filme inesquecível: *A 25ª Hora*.
19. Livro que não esquece: *O Equador*, de Miguel de Sousa Tavares.
20. Tem animais de estimação: não.
21. Gosta mais do verão ou inverno? Verão.
22. Prato preferido: ensopado de cabrito.
23. Comida que detesta: carne de javali, e também não gosto de quiches.
24. Se acertasse na lotaria, o que faria com o dinheiro? Dividiria com meus filhos.
25. Primeira coisa em que pensa quando acorda: mais um dia que vou aproveitar para ser feliz.
26. Uma saudade: meus queridos pais.
27. Um arrependimento: em 1975, eu trouxe de África uma carcaça de tartaruga. Não faria isso novamente.
28. O que aprendeu na escola e nunca esqueceu: a tabuada, sou bom em fazer contas de cabeça.
29. O que é mais importante na UTIS? O convívio, mesmo *on line*, e a oportunidade de estarmos sempre a aprender. Aprendo muito na UTIS.

BACALHAU À BRÁS

Em miúdo, na opinião crítica da minha avó, eu era um “comilão”.

Mais tarde, evolui no conceito e transformei-me num “bom garfo”, abrangendo na expressão, em partes iguais, a quantidade e a qualidade da comida.

Hoje, porque gosto de iguarias e procuro os requintes e os prazeres da mesa, sinto-me um gastrónomo. Naturalmente, agora, privilegio mais a qualidade do que a quantidade, mas sou pouco afim do conceito “gourmet”, que descobre o fundo do prato logo após a primeira garfada.

E, porque mo pediram, venho dar-vos conta do meu prato preferido, pelo seu sabor e sustância: **Bacalhau à Brás**, ou à Braz, como se grafava ao tempo da sua criação,

Esta receita nasceu no Bairro Alto, a zona boémia de Lisboa, mais exatamente na Taberna do Sr. Braz, nos anos 30 do século XX, e logo ficou conhecida pelo apelido do dito. Segundo se conta, foi resultado de um expediente simples, para aproveitamento das sobras de bacalhau, envolvendo-as num refogado de azeite e cebola e ligando tudo com ovos batidos.

Parece que as acolitantes batatas fritas vieram depois (provavelmente de outras sobras), mas ficaram lá muito bem, dando estrutura ao prato e elevando-o de simples petisco a prato principal.

As receitas para a confeção deste prato são muitas e variadas; deixo-lhes aqui uma do **chef Vítor Sobral**.

RECEITA (12 doses) INGREDIENTES

1,5 kg de bacalhau da Noruega desfiado
800 g de batatas cortadas em palha
400 g de cebola em rodela
50 ml de azeite extravirgem
8 ovos
1 dente de alho picado
Azeitonas pretas a gosto
Salsa picada a gosto
Pimenta-do-reino moída na hora a gosto
Sal marinho a gosto
Óleo de amendoim

PREPARAÇÃO

Lave o bacalhau várias vezes até retirar o excesso de sal. Tire a pele e as espinhas e desfie-o com as mãos. Frite as batatas em óleo bem quente até dourarem ligeiramente, e escorra-as sobre papel absorvente. Nesse meio-tempo, leve ao fogo uma panela de fundo espesso com o azeite, a cebola e o alho. Deixe refogar lentamente até que a cebola cozinhe. Acrescente então o bacalhau desfiado e mexa com uma colher de pau até que fique bem integrado ao refogado. Junte as batatas e, com a panela ainda no fogo, despeje os ovos ligeiramente batidos e temperados com sal e pimenta-do-reino. Mexa com um garfo. Logo que os ovos estejam em creme, mas cozidos, retire a panela do fogo e adicione as azeitonas e a salsa.

Bom Apetite!

Manuel Cabral

Onde é que estavas no 25 de Abril?

Entre 1996 e 1998, o jornalista e escritor Armando Baptista-Bastos (1934-2007) foi o responsável por várias entrevistas sobre o 25 de Abril, intituladas “Conversas Secretas” e transmitidas na SIC. O “secretismo” da conversa deu lugar a uma pergunta marcante “onde é que estavas no 25 de Abril?”.

Nesse dia percebemos que era preciso combater o cinzentismo e o estado a que tínhamos chegado. Os militares iniciaram uma ditadura, primeiro militar, depois civil, embrenhada num homem “orgulhosamente só”, parte integrante do Estado Novo; os militares abriram as “portas de Abril”, portas de liberdade e democracia. O povo saiu à rua, ignorando os perigos, queria festejar, respirar liberdade, opinar sobre o seu futuro e do país. Viveram-se excessos próprios de dias únicos, as bocas gritavam palavras de ordem e cantavam músicas de intervenção, até aí proibidas, os cravos passavam de mão em mão. Os comunicados na rádio multiplicavam-se.

Todos sabemos onde estávamos no 25 de Abril de 1974, mesmo os saudosistas desses tempos onde o medo imperava e cada um vivia a liberdade possível. Até ao 1 de Maio, festejámos... e de que maneira; amámos... sem limites. Depois, cometemos excessos... muitos, próprios de uma democracia em fase de crescimento e maturação. Mas os grandes desafios foram e continuam a ser “fazer cumprir Abril”. Todos os dias temos a responsabilidade de regar Abril, para que os seus frutos continuem a germinar, alimentando uma sociedade mais justa, fraterna, livre e igualitária. Que o espírito de Abril esteja sempre entre nós!

Teresa Lopes Moreira

ACTIVIDADES REALIZADAS

Tertúlias Literárias

7 de Abril
15:00
Online plataforma Zoom

“Eça de Queirós e a Gastronomia”

Universidade da Terceira Idade de Santarém

Conversas em Linha

A Comunicação Social (des)informa?
com a presença de João Paulo Narciso
Director do Jornal “Correio do Ribatejo”

14 de Abril
15:00
Online plataforma Zoom

Universidade da Terceira Idade de Santarém

ACÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO

ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL E LEITURA DE RÓTULOS

MARIA SILVA (PESQUISA PRIMA DO NEUROCI)

SESSÃO ONLINE PARA A UTIS
21 ABRIL (15H)

UNIVERSIDADE PORTUGUESA
FACULDADE DE SAÚDE
NÚCLEO REGIONAL DO SUL

Tertúlias Literárias

28 de Abril
15:00
Online plataforma Zoom
Apresentação do Livro

Diário de um “Comando”
João M. F. Duarte

Universidade da Terceira Idade de Santarém

9º Concurso e Exposição de Fotografia da UTIS

Durante os meses de Abril e Maio as nossas objectivas estarão focadas nos Jardins Públicos de Santarém, tema do 9º Concurso de Fotografia da UTIS, realizado no âmbito das disciplinas de Fotografia e Edição de Imagem.

Sem a possibilidade de efectuar o Passeio Fotográfico tradicionalmente associado ao Concurso, no qual os participantes percorrem em grupo, com orientação do professor de História da Arte da nossa universidade, o itinerário desenhado em função do tema escolhido, esta iniciativa, que vai já na sua 9ª edição, realiza-se este ano numa versão totalmente Online, adaptada ao tempo “covidico” que (ainda) vivemos. Mantém-se, no entanto, inalterado o seu propósito inicial de associar o interesse pela fotografia, à divulgação e valorização do património local.

As inscrições, limitadas aos alunos e professores da UTIS_na_Linha.20, estiveram abertas entre 5 e 15 de Abril, tendo sido 19 aqueles que aderiram ao desafio.

Cada participante teve até 30 de Abril para dar asas à sua criatividade e mostrar, através da lente da sua câmara, o seu olhar sobre os jardins públicos da nossa cidade.

As fotos a concurso integrarão a Exposição de Fotografia da UTIS, que poderá ser visitada virtualmente já a 10 de Maio, através do link disponibilizado no nosso site. A escolha das três melhores fotografias fica este ano à responsabilidade do público em geral, que terá a possibilidade de votar online, de 10 a 21 de Maio, sendo que as fotos vencedoras serão divulgadas logo no dia 31 do mesmo mês.

Cristina Jorge

